



Fughetti Luz: 'Quando eu ouvi Chuck Berry, pensei: é isso que eu quero fazer, rock 'n' roll!'

Fughetti Luz: 'A música te leva adiante'

Cristiano Bastos*

Nesta conversa, o mestre Fughetti Luz revisita sua cosmologia particular, das leituras de Tolkien e Nietzsche à descoberta de Elvis Presley, das memórias das gravações da trilha do filme *Marcelo Zona Sul* à parceria mística com Carlinhos Hartlieb. Fughetti relata a resistência necessária em tempos de "campos minados" políticos e fala com orgulho do álbum *Tempo Feiticeiro* (2017), que considerava sua grande obra-prima. Com humor, ele ainda comenta a sobrevivência de sua obra no presente, incluindo a inusitada versão *dance music* de seus clássicos feita pelo coletivo *Império da Lã*. Prepare-se para ouvir quem, com os pés na areia e a alma no cosmos, nos deixou este testamento de paz. Como ele mesmo profetizou: "A música nos leva adiante".

Viver- Fughetti, como foi que o rock'n'roll te "pegou" lá no início, no IAPI?

Fughetti Luz: O meu irmão levava discos do Elvis Presley pra dentro da baía, então essa coisa já estava no meu sangue. Meus irmãos dançavam rock'n'roll na sala e eu ficava ali, garotinho, vendo tudo,

escutando doidão. Sempre amei aquilo - até o ponto em que o rock começou a me transformar.

Viver - Esse rock que te "transformava" acabou sendo o combustível para enfrentar um dos teus primeiros grandes desafios, ainda na infância. Como tu recordas os tempos no IAPI, lidando com a paralisia infantil e, ao mesmo tempo, convivendo com figuras como a Elis Regina?

Fughetti Luz - A paralisia foi um presente; me ensinou a ser mais legal e mais maluco. Eu jogava futebol e andava de bicicleta com uma perna só, desafiando tudo. No IAPI, a gente era uma turma indomável. A Elis Regina estava ali também, aquela Pimentinha que todo mundo conhecia. A gente vivia nos jardins, nas escadarias, e ali eu já sentia que a vida não ia ser comum. Eu trocava o futebol pelos livros de Tolkien e pela filosofia de Nietzsche. Enquanto a gurizada estava na bola, eu estava abrindo a cabeça, me preparando para o que vinha. Aquela infância no IAPI foi o meu batismo de fogo.

Viver - Querias falar da criação de hinos como *Campo Minado* e essa mentoria com a gurizada do Bandaliera. Todo esse movimento convergia para um endereço: a casa na Alberto Pasqualini. Como era a rotina naquela "incubadora" e de que forma aquele ambiente influenciou a composição desses clássicos?

Fughetti Luz - Fui para lá em 1980. Eu cheguei do Rio. Foi uma época muito boa. Tinha uma casa com um pátio. Fizemos uma horta. Curti muito aquele lugar. Aí comecei a escrever músicas como *Campo Minado*, *Meu Lado Animal* (Ro-

quinho é do tempo do Liverpool). Depois peguei a Bandaliera, após o fim do Bixo da Seda (em 1980), e levei a Bandaliera para a estrada com as minhas músicas. E o Guerreiro Anti-Nuclear levei para o estúdio, ensaiamos, e dei dez músicas para eles gravarem. Foi muito legal. Fico muito faceiro e agradecido.

Viver - O que a época da Pasqualini e a Casa do Sabará representam para a sua identidade como compositor independente?

Fughetti Luz - A Pasqualini foi um momento muito prolífico. Fizemos um estúdio no quarto da casa, coloquei um piano Fender Rhodes, forrei as paredes com caixas de ovos, tudo enfeitado com panos coloridos. Tri loco. Fiz o estúdio, levei um monte de músicos para lá e o som rolava até as 10 da noite. Não parava. Depois ainda sentávamos na sala e ficávamos escutando discos. Era uma curtidão. Comprávamos um monte de discos de blues e de jazz. Dei todos os discos de presente. Eram os "presentes do

Fuga". Presenteei o mundo inteiro. Até meu fogão a lenha dei. Passei 20 anos lá. De 1980 a 2000. Depois vim para Tapes, onde já estou há 20 anos; cheguei aqui com as azaleias brilhando, cheias de flores.

Viver - Você sempre foi uma referência para as bandas que surgiram depois. Como foi produzir talentos, como a Barata Oriental e os Darma Lóvers?

Fughetti Luz - Eu produzi o primeiro disco da Barata e os Darma Lóvers; o Nenung e a Yang Zam me procuraram para ver se eu aprovava o repertório deles. Como se eu fosse alguém para aprovar alguma coisa. Na verdade, eles confiavam tanto em mim que eu disse: "Podem ir para os teatros, podem ir para os clubes. Qualquer show que pintar, vocês estão prontos". E estão na raia até hoje.

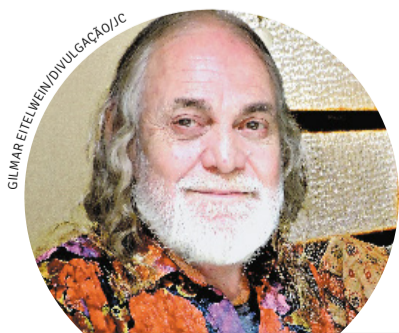
Viver - Olhando para trás, o que o disco do Liverpool significou para vocês na época em termos de ambição, e como a sua visão sobre o sucesso mudou de

lá para cá?

Fughetti Luz - O disco do Liverpool não tínhamos nem ideia se ia fazer sucesso ou não. Não passava pela nossa cabeça; nosso negócio era fazer música. Sucesso é ter família, é ter a filha que eu tenho, os músicos que tocaram comigo. O contrato com a gravadora para outros discos, infelizmente, não aconteceu porque ganhamos o Festival Internacional da Canção, no Teatro da Reitoria da Ufrgs. Quem ganhava ia para o Rio gravar um disco, hotel, 'ypsilon', curtidão, banho de mar. De uma hora para outra, nós viramos maloqueiros, ficamos ricos.

Viver - Um dos momentos mais icônicos daquela época foi a interpretação de *Por Favor*, *Sucesso*. Como foi aquele encontro com o Carlinhos Hartlieb no Sarandi e como vocês decidiram defender aquela música no festival?

Fughetti Luz - Estávamos numa casa no Sarandi ensaiando pra caramba e daí entra Carlinhos Hartlieb trazendo a canção



Músico dizia que a paralisia infantil foi 'um presente' para ele



Fughetti Luz quebrando tudo com o Bixo da Seda